

HOTEL DO NORTE

•

EUGÈNE DABIT



I

Emile Lecouvreur puxou do relógio, que marcava duas horas e vinte minutos. O Sr. Mercier, agente imobiliário, combinara encontrar-se com ele no Cais de Jemmapes, perto do posto de vigia, às duas horas em ponto. Lecouvreur procurou mentalmente desculpar este atraso e disse à mulher e ao filho, que se impacientavam:

— É um tipo porreiro, em quem se pode confiar.

Mirou com um olhar cheio de cobiça o Hotel do Norte, que se erguia do outro lado da rua. Louise Lecouvreur propôs:

— E se fôssemos entrando? Dizíamos aos Goutays que somos os compradores. Entretanto, talvez chegue o Sr. Mercier.

— Olha, ali vem ele! — disse Lecouvreur. Deu um esticão aos punhos e levou desajeitadamente a mão ao boné. Tinha consciência de estar num momento decisivo da sua vida. Ficou impressionado pela importância da personagem que avançava.

O Sr. Mercier não teve nenhuma dificuldade em explicar o seu atraso. Atribuiu-o a uma venda com lanços exagerados, complicada por uma «purga».

Lecouvreur acenava a cabeça com gravidade. Devia tratar-se de uma doença, pensava ele.

Atravessaram a rua, o Sr. Mercier e Lecouvreur lado a lado, seguindo-os Louise com o filho, Maurice. O Sr. Mercier abriu a porta do hotel; cerimoniosamente, deixou passar Louise Lecouvreur, que, com as faces afogueadas, se mantinha atrás do marido.

Philippe Goutay estava a enxaguar copos no balcão. Fizeram-se as apresentações. A Sr.^a Goutay apareceu à porta da cozinha. Pediu desculpa por ser surpreendida de bata.

— Acabei de lavar a louça — disse ela. — Venho já, vou só mudar de avental.

A visita ao hotel começou. Subia-se ao primeiro andar por uma escada estreita e íngreme, que a meio do caminho dobrava em cotovelo a fim de permitir a abertura de uma janela. No patamar principiava um corredor que servia os quartos. A luz chegava de um pequeno pátio interior que o grupo atravessou sobre um passadiço, em seguida o corredor encheu-se de sombra.

Lecouvreur inquietou-se com isso:

— Mas, digam-me cá... isto parece um túnel.

Devido à escuridão era impossível ler os números escritos por cima das portas dos quartos. O Sr. Goutay fez notar que em Fevereiro a noite descia depressa. No Verão, o corredor resplandecia. E acrescentou, pomposo:

— De resto, há luz eléctrica por todos os cantos...
— e após uma pausa: — Até mesmo nas retretes.

Os visitantes caminhavam em fila. Espaçadas de dois em dois metros, as portas faziam no escuro manchas de um negro mais carregado. Lecouvreur contou treze, todas à sua esquerda. Visitado o andar, voltaram para trás e subiram ao segundo. Foi então que Louise Lecouvreur pediu para ver os quartos.

A Sr.^a Goutay, afectada, respondeu-lhe:

— Pois claro, minha senhora, pois claro. Aqui é tudo às claras... Philippe, tens as chaves?

Ao acaso, pareceu, o Sr. Goutay abriu uma porta. O quarto era tão pequeno que pouco mais podia conter do que um visitante ao mesmo tempo. Entraram os seis, cada um por sua vez. Louise Lecouvreur demorou-se no quarto. Pelos reposteiros rasgados coava-se uma luz cinzenta; um papel com flores pintadas, desbotado, entristecia as paredes; a cama achava-se apertada entre um guarda-roupa de madeira branca e a mesinha do toucador; num canto, junto do balde de despejos, jazia um velho par de sapatos. A exiguidade, a penúria, o cheiro deste local criavam mal-estar. Louise Lecouvreur voltou-se. Os seus companheiros tinham desaparecido. Ouvia-os pairar no corredor; decerto visitavam outros quartos. Para ela, aquele bastava.

Emile Lecouvreur não se espantava com esta indignância. Durante a guerra não vira ele outras misérias? E noites nos celeiros, ou mesmo na «pensão estrelinhas», como ele dizia, a rir. Era preciso considerar também o preço dos quartos; por aquele valor, era possível oferecer melhor? De resto, aquelas imundícies por todo

o lado provavam bem que os pensionistas(*) pouco se preocupavam com a limpeza; aquele desconforto não devia incomodá-los por aí além. E depois, para que lhes serviam aqueles quartos? Para dormir, e nada mais.

— Os senhores vão habituar-se a isto — começou o Sr. Goutay. — É preciso não pedir o impossível. Aqui, com as fábricas do bairro, há boa clientela, operários, tudo boa gente, de boas contas. Nunca dê crédito a ninguém, é a morte do nosso negócio... De fora, a casa não tem nada de grandioso, é certo... bem precisava de uma boa esfregadela. Mas o que se há-de fazer, hoje em dia só as casas de passe é que podem pagar pinturas...

Parou durante um momento e prosseguiu:

— Não é uma casa de passe...

Os Lecouvreaux disseram em uníssono:

— Claro que nós não queríamos uma casa de passe...

O Sr. Goutay aprovou:

— Para os senhores é como para nós. Notem que com as mulheres o negócio vai andando, mas é sempre uma carga de trabalhos, por dá cá aquela palha a polícia cai-nos em cima. Aqui não há nada disso! Com os operários, algumas raparigas e, no terceiro andar, os casais, sem miúdos, bem entendido, é uma autêntica

(*) Nas grandes cidades de outros tempos era frequente as pessoas menos abastadas viverem numa pensão, como é o caso de vários hóspedes do Hotel do Norte, uma vez que era mais económico arrendar um quarto do que uma casa. (N. E.)

família... Ah!, esquecia-me, há também alguns idosos que acabarão os seus dias no hotel. — Baixou a voz: — Patifes, uns malditos clientes a quem não se pode aumentar a renda.

O grupo chegou ao terceiro andar. Aí, a luz do céu atravessava a jorros uma vidraça. Nesse patamar haviam instalado uma torneira e as retretes. O corredor era bem iluminado. Devido ao rumor feito pelos visitantes, entreabriram-se algumas portas.

— Os casais! — explicou a Sr.^a Goutay.

Lecouvreur seguiu o Sr. Goutay até um sótão que servia de arrecadação. Os dois homens examinaram os forros e subiram ao telhado. Daí avistavam-se os Cais de Jemmapes e de Valmy, ligados por um passadiço delgado. Camiões carregados de areia seguiam ao longo das margens. Pela corrente do canal deslizavam barcas morosas e bojudas como animais.

Lecouvreur, normalmente insensível a estas coisas, soltou uma exclamação:

— Ah, que vista! Como vocês estão bem situados!...

Depois acrescentou:

— Sou um velho parisiense, mas, está a ver, não conhecia aquele canto. Até parece que estamos ao pé do mar.

Parara junto da chaminé e reflectia. Uma ruga vincava-lhe a testa e dava peso ao seu rosto, aos seus olhitos sagazes. Na luz da tarde volteavam flocos de fumo; no bairro do Temple, nos arredores, nuvens espessas cobriam o céu. O rumor de Paris subia de todo o lado como uma exortação confusa. De repente, ele

decidiu-se, era preciso adquirir a todo o custo aquele hotel.

— Se quer descer e visitar a casa — disse-lhe Goutay.

Mas uma lassidão invadia Lecouvreux. Ao chegar ao fundo da escada, sentia uma emoção indefinível a estrangular-lhe a garganta. Algo de inquietante pungia-lhe o coração, o pensamento de despedidas próximas, de abandonos, e, perante estes lugares ainda desconhecidos, uma mistura de angústia e de confiança, um sabor de perigo e aventuras, tão violento que o oprimia. Não, na verdade, já não tinha forças para continuar a visita. De resto, a noite caía, os clientes começavam a regressar. Mais valia não lhes despertar a curiosidade antes de concluído o acordo definitivo.

Prometeu ao agente imobiliário dar uma resposta — sim ou não — no dia seguinte. E sentiu-se feliz ao encostar-se ao balcão quando o Sr. Goutay lhe propôs que bebesse alguma coisa.